

# MACHADO DE ASSIS E OS SOFISTAS

Roberto de Oliveira Brandão

Fazer uma leitura da ficção de Machado de Assis a partir dos sofistas gregos do século V a.C. nos levaria a considerar alguns campos privilegiados do pensamento daqueles primeiros mestres profissionais, em especial a linguagem como instrumento de persuasão, a aparência como dimensão humana das coisas e o social enquanto espaço onde se confrontam os interesses dos homens. Que tais temas ainda hoje sejam importantes, não se deve ao fato de terem sido abordados pelos sofistas, os inimigos históricos dos filósofos, mas porque, em muitos aspectos, o homem parece permanecer o mesmo.

Uma das afirmações mais conhecidas dos sofistas sustentava que a habilidade de falar podia transformar a pior tese na melhor, isto é, através do discurso o orador pode impor ao ouvinte idéias, valores e crenças. Isso implicava em aceitar que existe um distanciamento entre linguagem, realidade e verdade. E que estas duas podem ser produzidas pela e na linguagem.

Embora suas teses não tenham sido homogêneas nem unânimes, algumas delas marcaram o grupo como tal, principalmente a partir das críticas feitas por Platão e Aristóteles. Assim ocorreu com a idéia da relação entre linguagem e persuasão, em que esta era considerada uma dimensão daquela. Numa época em que os filósofos buscavam resolver os problemas inerentes à linguagem como instrumento de apreensão da verdade, Górgias sustentava que nada existia

e, se algo existisse, não poderia ser pensado nem comunicado. Dizia ele que “não comunicamos seres nem coisas, mas apenas palavras”.

Essa valorização da linguagem por si mesma, que o aproximava dos poetas, provocava a ira dos filósofos. Sabe-se que Platão opunha aos discursos dos rapsodos “que não permitem exame e que nada ensinam, pois só têm a finalidade de persuadir”, os discursos “escritos para serem estudados ou pronunciados com fins didáticos, e que são verdadeiramente escritos na alma, tendo como tema o justo, o belo e o bom”.<sup>1</sup> Aristóteles reprovava os sofistas porque, segundo ele, falavam não para significar, mas apenas “pelo prazer de falar”,<sup>2</sup> ao passo que, para o filósofo, as únicas formas aceitáveis de discurso seriam as que tivessem por objeto promover o conhecimento da justiça, da beleza e da bondade.

Para os sofistas, linguagem e retórica estavam estreitamente ligadas enquanto instrumento persuasivo e político. O que se devia considerar no discurso não era o valor de verdade nem o princípio da contradição, mas seu efeito pragmático como forma de exercer o poder de convencimento sobre os ouvintes. Sustentavam que o domínio da palavra permite dominar os homens, levando-os a pensarem e fazerem o que desejamos. Ademais, a persuasão tinha uma dimensão política que a legitimava enquanto forma “civilizada” de impor a vontade do orador. Górgias, cujo nome se ligou a um dos diálogos platônicos mais famosos, distinguia a submissão “voluntária”, operada pela palavra, da “violenta”, imposta pela força. No *Elogio a Helena*, ao defender a bela esposa de Menelau por ter “fugido” com Páris, motivo da guerra de Tróia (*Ilíada*), ele enumera quatro razões que poderiam explicar aquela atitude: vontade dos deuses, imposição do destino, rapto violento ou, finalmente, persuasão pela palavra. Ele justifica esta última: “a palavra é um poderoso soberano que com pequeno e invisível corpo realiza empresas absolutamente divinas”. E acrescenta: “Aquele que infunde uma persuasão age injustamente, mas quem é persuadido, enquanto se vê privado da liberdade pela palavra, só de erro pode ser censurado”.<sup>3</sup> Daí a importância de se conhecer e exercer a arte da retórica, que eles ensinavam.

Na Antigüidade a retórica era o contraponto da dialética, espécie de dialética “popular”, uma vez que, segundo Aristóteles: “Todos os homens participam, até certo ponto, de uma e de outra; todos se empenham dentro de certos limites em submeter a exame ou defender uma tese, em apresentar uma defesa ou uma acusação”. Se é legítimo, dizia ele, defender-se utilizando a força física, mais o será através das palavras, já que estas definem melhor o ser humano do que aquela.<sup>4</sup> Em suma, a linguagem era o espaço onde os homens,

1. PLATÃO. *Fedro*. Coleção Amazônica, V. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975, p. 97.

2. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969, IV, 5, 1009 a 16-22. Ver também: CASSIN, Barbara (sous la direction de). *Le plaisir de parler*. Paris: Minuit, 1986.

3. PLATÃO. *Górgias. Fragmentos e Testimonios*. Biblioteca de Iniciación Filosófica, 102. Buenos Aires: Aguilar, 1966, p. 87.

4. ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d., p. 33.

enquanto homens, deviam resolver seus problemas. Na prática, contudo, sabemos que nem sempre foi assim.

Não paravam aí, contudo, as múltiplas funções sociais atribuídas à linguagem pelos sofistas. Usavam-na também com fins terapêuticos. Não sem sua característica pitada de ironia, Platão nos narra que Górgias costumava vangloriar-se de em certa ocasião ter conseguido que um doente se deixasse tratar pelo médico utilizando apenas a linguagem.<sup>5</sup> Conta-se também que outro sofista, Antifon, autor de uma *Arte de combater a neurastenia*, prometia curar seus pacientes, bastando que lhe contassem os males que os afligiam. Embora não se saiba bem o alcance desses relatos, a verdade é que antecipam o uso psicanalítico da linguagem.<sup>6</sup>

Como sustentavam os sofistas que não há uma verdade única, mas apenas o que “parece” ser a cada homem, o ato de argumentar implicava em poder sustentar posições diferentes, e até contrárias, sobre tudo. Essa posição se tornou método discursivo com Protágoras, outro sofista interlocutor de Platão. Dizia ele que sempre “se podem sustentar dois discursos perfeitamente contraditórios sobre o mesmo tema”.<sup>7</sup> E em outro sibilino – e moderno – fragmento que lhe é atribuído, o homem é descrito como a “medida de todas as coisas”,<sup>8</sup> afirmação que tem sido alegada para atestar o seu relativismo absoluto.

A disputa entre ciência e opinião, natureza e lei, essência e aparência, ser e devir é antiga. Os sofistas nada mais fizeram do que situar tais problemas no campo dos interesses humanos, onde reinam as divergências e os conflitos. Enquanto os filósofos buscavam compreender o mundo, pressuposto de um compromisso ético com o saber, os sofistas sustentavam o primado da opinião como forma de atuação social e política. À verdade, fundada na razão, sobrepunham a argumentação alicerçada na experiência cotidiana onde predominam o senso comum, as paixões e os interesses pessoais que condicionam a visão e a avaliação dos fatos. Górgias alegava que as mesmas coisas podiam ser um bem ou um mal, dependendo da situação e das pessoas a que se referissem, como o alimento, que é um mal para o doente que não pode ingeri-lo, e um bem para o homem saudável. Do mesmo modo, o ferro das armas é nocivo para os que são mortos por ele, mas um bem para o fabricante de armas.

O próprio Aristóteles reconhecia que, diante de certos homens, seria inútil tentar convencer utilizando apenas argumentos fundados na ciência. Distinguia ele os discursos dirigidos à multidão dos usados como instrumentos de ensino. Aqueles usam apenas lugares comuns, opiniões estabelecidas, emoções, ao contrário destes que tiram sua força da reflexão e da razão. Se, como os sofistas, admitia

5. PLATÃO. *Górgias*. Coleção Amazônica, III-IV. Belém: Universidade do Pará, 1980, p. 123.

6. DUMONT, Jean-Paul. *Les Sophistes. Fragments et Témoignages*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969, p. 161.

7. GOMES, Pinharanda. *Filosofia Grega Pré-Socrática*. 2. ed. Lisboa: Guimarães, 1980, p. 267.

8. *Ibidem*, p. 271.

que era preciso saber utilizar argumentos opostos, não o seria para, ao sabor da vontade, sustentar o pró ou o contra, pois, como observa: “não se deve persuadir o que é imoral”, mas somente “para ver claro na questão e para reduzir por nós mesmos ao nada a argumentação de um outro, sempre que este seu discurso não respeite a justiça”.<sup>9</sup>

Embora sumário, esse quadro dá uma idéia das implicações no uso da linguagem pelos sofistas. Se, por um lado, ela torna-se um campo de ação social e política, no plano literário, na medida em que privilegiavam a autonomia dos signos, libertando-os ao mesmo tempo do real, da razão e da ética, abrem todo um horizonte à expressão literária cujas possibilidades ainda hoje não foram esgotadas.

A concepção pragmática dos sofistas não impede, porém, que as críticas dos filósofos percam sua pertinência, uma vez que, buscar a adesão, mesmo que voluntária, pela manipulação das aparências e da produtividade semântica da linguagem, decorrentes das condições existenciais do homem, conquanto revestida de um inquestionável – e, por isso, de valor argumentativo – sentido democrático, pode não ser senão outra forma, a mais polida, é verdade, de exercer o poder.

9. *Arte Retórica e Arte Poética*, pp. 32-33.

## MACHADO DE ASSIS E A LINGUAGEM

Machado de Assis é um artesão da linguagem na acepção retórica de domínio dos meios expressivos. Com essa matéria-prima ele cria, recria e transforma o mundo, mas um mundo que tem a forma e a substância da linguagem. Suas personagens transitam pela realidade como o leitor por sua ficção: não entre seres, mas entre aparências. Se o ser, unívoco e imutável, às vezes percorre sua ficção, não o é senão como estratégia que revela o movimento ilusório. Vejamos esse percurso.

No início de *Ressurreição*, Félix abre a janela e vê diante de si uma natureza alegre e acolhedora. Percebemos que, na verdade, essa cena ocorreu num primeiro dia do ano há dez anos atrás. Presente e passado, imagem e realidade confundem-se. A intervenção do narrador dá o tom à descrição:

Parecia que toda a natureza colaborava na inauguração do ano. Aqueles para quem a idade já desfez o viço dos primeiros tempos, não se terão esquecido do fervor com que esse dia é saudado na meninice e na adolescência. Tudo nos parece melhor e mais belo, – fruto da nossa ilusão, – e alegres com vermos o ano que desponta, não reparamos que ele é também um passo para a morte.

A nossa atenção transita das percepções mais gerais para as coisas situadas no tempo que as transforma. As marcas do percurso são dadas pelos modeladores “parece”, “aqueles”, “ilusão”, que retiram o ser de sua região abstrata e indefinida e o situam no foco do olhar que capta o mundo, dando-lhe forma e sentido particulares. Entre a expressão absoluta: “a natureza colaborava”, e a relativa: “parecia que a natureza colaborava”, ou entre “tudo é belo” e “tudo nos parece mais belo”, ou ainda: “fervor com que esse dia é saudado” e “fervor com que esse dia é saudado na meninice e na adolescência”, estende-se o tempo que reduz o ser ao sentido que lhe damos, à perspectiva com que o vemos. Quando o narrador diz: “alegres com vermos o ano que desponta não reparamos que ele é também um passo para a morte”, qual é o ser referenciado pela expressão “ano que desponta”: seria a alegria da vida ou o prenúncio da morte? Mas o autor nos mostra que fazemos uma opção pela primeira, pois ela nos é favorável.

## A LINGUAGEM COMO ARGUMENTO

O recorte do mundo operado pela linguagem não é determinado apenas pelas limitações na vida do homem, mas também pelos interesses que o movem. Se cada termo necessita de outros que o expliquem, isso se dá porque o convencimento do ouvinte exige que ele assuma como suas as perspectivas do falante. Os limites entre descrição e argumentação tornam-se então muito tênues.

No início de *Iaiá Garcia*, quando o pai de Iaiá reluta em aceitar de Valéria a tarefa de convencer seu filho Jorge a seguir para a guerra, lemos o seguinte fragmento de diálogo:

- Seu filho não é criança, disse ele; está com vinte e quatro anos; pode decidir por si, e naturalmente não me dirá outra coisa... Demais, é duvidoso que se deixe levar por minhas sugestões, depois de resistir aos desejos de sua mãe.
- Ele respeita-o muito.

A esse diálogo segue-se uma intervenção do narrador, que revela os propósitos ocultos da mãe do rapaz:

Respeitar não era o verbo pertinente; atender fora mais cabido, porque exprimia a verdadeira natureza das relações entre um e outro. Mas a viúva lançava mão de todos os recursos para obter de Luís Garcia que a ajudasse em persuadir o filho.

Como ele lhe dissesse ainda uma vez que não podia aceitar a incumbência, viu-a morder o lábio e fazer um gesto de despeito.

Vemos que diálogo e narração disputam a prerrogativa de expressar o significado da conversa entre Valéria e Luís Garcia. A diferença entre “respeitar” e “atender” marca a distância que vai do desejo à ordem. A expressão “Ele respeita-o muito” revela a ambigüidade entre constatação e argumento. O discurso em situação só conhece o segundo, escolha deliberada do aparato retórico com que se modela o real. O duplo movimento da fala de Valéria é sugerido pela observação posta no olhar de Luís Garcia que, diante de sua resistência, a vê “morder os lábios e fazer um gesto de despeito”. Com esse expediente, insere-se nos fatos “morder/fazer um gesto” uma interpretação partilhada entre Luís Garcia e o leitor: “de despeito”, denunciando a troca dos motivos com que Valéria esconde seus propósitos.

## GESTO E LINGUAGEM

Os gestos das personagens machadianas não servem apenas para torná-las mais verossímeis como seres humanos. Equivalentes da linguagem articulada, servem também para velar/desvelar as suas motivações. Em geral passam quase despercebidos, apenas denunciados pela fala do narrador ou de outra personagem. É comum entre as personagens de Machado os lábios cederem aos olhos ou às mãos a função de expressar o que lhes vai no espírito. Em *Iaiá Garcia* há uma passagem em que Luís Garcia mostra à esposa uma carta de Jorge onde este confia que ama alguém, sem, contudo, mencioná-la. Estela sabe tratar-se de si e procura descobrir se o marido alimentava alguma suspeita. Não percebendo nada que o denunciase, ela arrepende-se da própria suspeita. Estabelece-se então um complexo movimento entre gestos e intenções, dissimulação e desconfiança ao mesmo tempo:

Estela, sem levantar a cabeça, olhou ainda de esguelha para ele, como a procurar-lhe na frente a intenção escondida, se porventura havia alguma, e esse gesto era tão travo de receio e hesitação, era sobretudo tão dissimulado, que ela o sentiu e arrependeu-se.

Depois, é sua mão que a ameaça denunciar. O afeto, mal

contido, quer manifestar-se: “A mão tremia; ela firmou-a sobre a borda da secretária; mas o tremor, ainda perceptível, não cessou”. Volta então a interrogar os gestos do marido: “E o sorriso era tão natural, tão despreocupado, tão honesto, que Estela ficou tranqüila”. O efeito tranqüilizador que encontra no sorriso do marido na verdade significa a margem de segurança que ela busca para poder preservar o sentimento recalcado, mas ainda vivo. Sob a capa da indiferença e da calma, pulsa o jogo das emoções que oscilam entre desejo e censura.

Em *Dom Casmurro* encontramos todo um ritual de pequenos e quase insignificantes gestos que configuram o interior das personagens. Quando um sentimento mostra-se ambíguo ou uma situação conflituosa, os movimentos do corpo, sobretudo olhos e mãos, se encarregam de transmitir o indizível que vai na alma. O alcance do paradoxo entre a impotência da linguagem e a experiência viva e intransferível, e, por isso, transbordante de significado, só as pessoas envolvidas podem avaliar, e o leitor, naturalmente:

Estávamos ali com o céu em nós. As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas uma só, mas uma criatura seráfica. Os olhos continuavam a dizer cousas infinitas, as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham...

A expressividade dos gestos face ao bloqueio da linguagem verbal dá o tom a certas passagens de *Don Casmurro*. Rememorando a cena em que Capitu desenha no muro seu próprio nome junto ao de Bentinho, o narrador, já maduro, confessa: “Em verdade não falamos nada; o muro falou por nós”. Em outro lugar: “Dito isto, espreitou-me os olhos, mas creio que eles não disseram nada, ou só agradeceram a boa intenção”. Na cena do beijo, os comportamentos dos adolescentes são diametralmente opostos, ela desenvolta e loquaz: “Ouvimos passos no corredor: Era D. Fortunata. Capitu compôs-se tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contradição de acanhamento, um riso espontâneo e claro, que ela explicou por estas palavras alegres: – Mamãe, olhe como este senhor cabeleireiro me penteou; pediu-me para acabar o penteado, e fez isto. Veja que tranças!”. Bentinho, por sua vez, fica muito inibido, embora tentasse demonstrar o contrário: “Como quisesse falar também para disfarçar o meu estado, chamei algumas palavras cá de dentro, e elas acudiram de pronto, mas de atropelo, encheram-me a boca sem poder sair nenhuma”. Mais tarde, já em seu quarto, vem-lhe inesperadamente a

palavra reveladora: “De repente, sem querer, sem pensar, saiu-lhe da boca esta palavra de orgulho: – Sou homem!”.

Investido ao mesmo tempo da consciência do presente e da experiência do passado, o narrador percebe o paradoxo entre uma linguagem que esconde a verdade e um silêncio que a revela:

Assim, apanhados pela mãe, éramos dous e contrários, ela encobrendo com a palavra o que eu publicava pelo silêncio.

Esses exemplos bastam para mostrar como em Machado *ser* e *parecer* são complementares. Puros sentidos que apontam a sucessão do aqui e agora da experiência e do desejo. Entre um e outro o homem sente-se cindido. Daí que esteja sempre às voltas com as ambigüidades, as dúvidas e as suspeitas. Essa é a condição do mundo dos vivos, nos diz o “defunto autor” Brás Cubas, onde opiniões e interesses são a regra. Estamos no centro do pensamento relativista de Machado, pensamento que poderia ser subscrito por qualquer sofista antigo. Mas, como Machado é Machado, ele se faz sofista por opção criativa. Talvez seja impiedoso em sua visão do homem, ao dizer que até a confissão que se proclama acaba sendo o avesso da hipocrisia que se cala. Voltamos ao problema da relação entre verdade e mentira, essência e aparência, realidade e sentido. Condição do mundo verdadeiramente? Ou a tarefa do homem?